REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios) .	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 201

21 DE JULHO 1884

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

A empresa do theatro de D. Maria resolveu para a proxima epocha acabar com a orchestra.

Ha muito tempo que esta idéa andava a aboborar no cerebro dos empresarios dos theatros de Lisboa, mas nenhum se atrevia a ser o primeiro a romper com a tradicção.

A empresa de D. Maria teve essa coragem, honra lhe seja; atirou a primeira pédra á orchestra, e dentro em breve, as outras empresas seguir-lhe-hão o exemplo, e a orchestra, apedrejada por todos os lados, terá que fugir de todos os theatros de Lisboa.

Até agora esta questão de pôr fóra dos theatros a orchestra, nunca se annunciára claramente; de vez em quando appareciam umas noticias vagas nos jornaes inspiradas por uma ou outra empresa, balões de ensaio a palpitar a opinião publica, e nada mais.

Hoje a questão desmascarou-se: sahiu do campo vago do *consta*, e os jornaes todos noticiaram devidamente informados, que a empresa de D. Maria abolira a orchestra dos seus espectaculos.

Em vista d'isso, e depois de termos já feito justiça á coragem com que a empresa de D. Maria se decidiu a entrar em fogo contra a tradicção, vamos dizer o que pensamos ácerca do assumpto, tendo apenas em vista os interesses da arte e do publico, e pondo completamente de parte os interesses individuaes das empresas que ganham dois ou tres contos de réis por anno com a suppressão da orchestra, e os interesses collectivos dos musicos que com essa suppressão perdem por anno dois ou tres contos de réis.

Acima d'esses interesses particulares está o interesse da arte e do publico, e se não estivesse, se fosse simplesmente uma questão de uns centos

JARDIM ZOOLOGICO — RECINCTO DOS RUMINANTES GRANDES

de mil réis a mais ou a menos para uma empresa, teriamos que lastimar que o theatro de D. Maria, o unico theatro portuguez subsidiado fosse o primeiro a sacrificar a essa economia os interesses do publico e da arte, que elle mais do que nenhum outro, tem a obrigação restricta de considerar acima de tudo.

Pomos portanto de parte essa questão mesquinha, e vamos simplesmente apreciar as vantagens ou desvantagens da suppressão da orchestra sob o ponto de vista dos interesses da arte e do publico.

Dada a significação actual da orchestra nos theatros portuguezes a arte e o publico perdendo-a não perdem inteiramente nada.

A symphonia de orchestra antes de levantar o panno devia ter por fim, o encaminhar o espirito do espectador para o mundo de commoções que n'elle ha de vibrar a peça a que ella serve de introducção.

D'este modo a musica era uma alliada natural da poesia dramatica e prestava-lhe o seu auxilio enorme.

Nada d'isto porém se faz, nem ninguem n'isso pensa nos nossos theatros.

A orchestra nunca se importou inteiramente nada com as peças que se representam, nunca tratou de afinar o seu reportorio pelo reportorio do theatro, e d'ahi em vez de ser um auxilio ao auctor dramatico é habitualmente um estorvo.

Em vez de predispôr o espirito do espectador no sentido da peça que se vae representar dá-lhe de ordinario orientação totalmente opposta. Preludia os dramas com *couplets* de opera burlesca, com valsas banaes e desafinadas, preludia as comedias com marchas funebres, ou trechos de operas sombrias, e os auctores em vez de encontrarem o seu publico já preparado para receber as impressões que se propõe a produzir-lhe, encontram-o n'um caminho de sentimentos inteiramente oppostos.

E em vista d'isto a arte não tem nada a perder com a suppressão das orchestras taes quaes ellas estão hoje.

O publico tem ainda menos que perder que a arte, porque d'essas orchestras ordinariamente mal organisadas executam sempre um reportorio reles e desafinado, que não o distrahem inteiramente nada, e pelo contrario o massam porque demoram o principio ou a continuação das peças que o levam ao theatro.

A orchestra não tinha pois nenhuma vantagem para a arte e para o publico senão, a de alegrar um pouco o espectaculo, porque um theatro sem musica, mesmo sem má musica, é tudo o que ha de mais funebre, para nós meridionaes, — todos se lembram ainda das recitas da Pasquali, da Favart, e da Cuniberti, e o de dar tempo aos espectadores da platéa de tomarem os seus logares antes de levantar o panno, e não incommodarem portanto, com a sua entrada o começo dos actos.

Mas estas duas vantagens unicas são de tal importancia que nos levam a votar desassombradamente contra a suppressão da orchestra.

Supprimir a orchestra nos theatros portuguezes é um erro capital, apesar d'ella como está não prestar para nada.

Apparentemente temos aqui uma contradicção — se a orchestra como está não presta para nada, é erro supprimil-a? É, porque o que as empresas tem a fazer é modifical-a.

Eu sei que o argumento capital para a suppressão da orchestra no theatro de D. Maria, é a *comedie française* não ter orchestra.

Pois sim, mas cada terra tem os seus usos, e não ha portuguez que vá ver a *comedie française* que não fique desagradavelmente impressionado com o silencio lugubre de missa resada, com que n'aquelle theatro correm os espectaculos.

E dizia ainda ha noites na redacção do *Diario da Manhã*, com justiça e com graça, conversando a este respeito um escriptor de muito espirito, que esteve no anno passado em Paris, e que é tambem auctor dramatico:

Se o theatro de D. Maria quer por força imitar a *comedie française*, tem muitas coisas em que a póde imitar sem ser na orchestra; póde imital-a na paga de direitos do auctor, por exemplo...

Realmente começar essa imitação pela suppressão da orchestra parece-nos menos bem pensado.

Toda a gente sabe que o defeito capital dos espectaculos portuguezes é serem excessivamente tristes. As enchentes infelizmente não se dão todas as noites, o nosso publico é pouco ruidoso e o entrar na sala de um theatro portuguez n'um intervallo é tudo o que ha de mais lugubre.

A musica antes de levantar o panno, dava sempre uma certa animação, um certo ar de festa: se lhe tiram essa musica, os theatros portuguezes serão excellentes para visitas de pesames.

Ora parece-nos que as empresas em interesse do publico e tambem em seu proprio inrcresse deviam olhar um pouco por isto

Sobre tudo ha nos theatros portuguezes umas victimas dignas da maior consideração: — são as senhoras.

Os homens, esses, nos intervallos sahem para o salão a fumar o seu charuto e passeiam o seu aborrecimento pelos corredores Mas as senhoras coitadas ficam nos camarotes, durante esses longos intervallos, olhando para as platéas desertas, mal alumiadas pela luz economisada do gaz, escabeceando de somno.

No theatro de S. Carlos, onde ha uma população fixa de espectadores que se conhecem, que se visitam, em S. Carlos que é um theatro de luxo onde a concorrencia é muito maior, e onde as *toilettes* são muito mais apuradas, as senhoras dos camarotes tem muito mais em que se distrahir nos intervallos, não sentem tanto o peso terrivel dos entreactos, nos theatros portuguezes esses intervallos são um horror, e parece-nos que havia um meio simples e facilimo de os transformar n'um divertimento sem augmentar em nada as despezas do theatro.

Para isso bastava diminuir o pessoal das orchestras, ficar apenas com um quinteto ou um sexteto de artistas melhores e mais bem pagos. Esse quinteto em vez de desafinar uma valsa qualquer antes do panno subir, organisaria todas as noites um reportorio variado e bem escolhido, que executaria durante os intervallos de acto a acto, uma especie de concerto, dividido em tantas partes quantos fossem os actos intermediarios da peça que se representasse, concerto que teria o seu programma, e que só por si constituiria um outro espectaculo, um espectaculo que seria uma diversão para os espectadores, que nos intervallos dos actos não queiram ou não possam sahir a passeiar no salão.

Parece-nos que todos, publico e empresas, tinham immenso a ganhar com esta innovação que não acarretaria um real mais de despeza nem aos espectadores nem aos empresarios.

Acreditamos que se a empresa de D. Maria em vez de supprimir a orchestra, o que prejudicará sensivelmente os seus espectaculos, pois tornal-os ha extremamente tristes, transformar a orchestra n'este sentido, terá muito mais a ganhar e prestará um bom serviço ao publico.

E depois ha ainda uma circumstancia a attender.

Supprimindo a symphonia de abertura, que era até agora o signal para o publico tomar os seus logares na platéa, a empresa vae prejudicar sensivelmente as peças, pois os começos dos actos serão todos perdidos no meio do ruido dos espectadores que entram e que se sentam.

Supprimindo a symphonia de abertura dos actos, mas substituindo-a por esses concertos, cuja ultima peça de cada intervallo servirá de signal para o publico retomar os seus logares, estará remediado esse inconveniente.

E já que falámos do theatro de D. Maria e da *comedie française*, aproveitaremos a occasião para responder a umas considerações menos bem fundadas que ácerca dos traductores e dos theatros portuguezes fez n'uma das chronicas do seu elegante e formoso jornal *A Illustração* o nosso presado e talentoso collega o sr. Marianno Pina.

Falando do theatro de D. Maria o sr. Marianno Pina diz que se tem alguma censura a fazer é a leviandade que faz com que ainda alli appareçam de vez em quando «pondo se em scena traducções ou arranjos de peças francezas, sem ouvir o auctor e sem se lhe pagar a parte que lhe compete pois que é elle o proprietario — o que constitue um verdadeiro roubo litterario.

«E as censuras não devem caber todas á sociedade dos artistas. Devemos censurar especialmente o commissario do governo que em nome do paiz e em nome da lei corrente em todas as falcatruas litterarias, que ainda se fazem n'aquella casa, sem protestar como é do seu dever.

«Eu sei que é deveras innocente pegar n'uma peça que está impressa em francez, traduzil-a, dal-a a um theatro, e receber tanto por cada recita.

«Mas essa peça tem um auctor que em Paris vive apenas da sua penna e que confia na equidade da lei para ter garantida a propriedade da obra.

«Ora pegarem n'essa obra, porem-n'a em scena, ganharem com ella: empresario, actores, traductor, e mais todo o pessoal d'um theatro, sem se mandar ao auctor um pataco sequer para que beba um copo de genebra, é roubal-o vilmente.

«É necessario que por uma vez acabem estas vergonhas de traducções, e que o commissario do governo junto do theatro de D. Maria comprehenda ao menos uma vez os seus deveres — prohibindo que na casa que o estado vigia se façam ladroeiras!»

A nossa resposta a estas considerações cifra-se por emquanto n'umas perguntas ao nosso bom e antigo collega Marianno Pina.

1.º Quaes são as peças traduzidas que a actual empresa de D. Maria tem posto em scena sem ter cumprido a lei para com os seus auctores e que portanto constituem roubos litterarios, roubos vis, ladroeiras e falcatruas litterarias?

2.º Como é que o nosso estimado collega entende que o fiscal do governo póde prohibir em nome do paiz e em nome da lei, essas falcatruas e essas ladroeiras?

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O PRINCIPE DE ORANGE

O retrato que hoje damos é o do herdeiro presumptivo dos Paizes Baixos, fallecido em 21 de junho ultimo, em Haya, dos resultados funestos d'uma febre typhoide.

O principe de Orange, tinha 33 annos, pois nascera em 25 d'agosto de 1851 do casamento do rei Guilherme III com a princeza Sophia, filha do rei de Hurtemberg, já fallecida.

O principe era muito misanthropo, vivia retirado e raras vezes apparecia em publico. Tinha o posto de contra almirante, de major general do grande estado maior hollandez, de coronel do regimento russo n.º 5 e de granadeiros do Rei.

A morte do principe de Orange causou grande abalo na politica dos Paizes Baixos, pois deixa a corôa sem herdeiro varão.

O rei, doente em Carlsbad só tem mais uma filha, a princeza Guilhermina, que conta apenas 4 annos, nascida do seu segundo casamento com a princeza Emma de Waldeck Pyrmont, e que é hoje a herdeira da corôa dos Paizes Baixos.

CONCERTO NO COLYSEU

Pela Real Academia de Amadores de Musica

Na noite de 6 de junho ultimo, realisou o seu terceiro e ultimo concerto da presente epocha, no Colyseu dos Recreios, a Academia de Amadores de Musica, a quem n'esse mesmo dia foi referendado o decreto agraciando-a com o titulo de Real Academia.

Esse concerto foi uma festa explendida; o vasto recinto do Colyseu encheu-se completamente e os distinctos amadores de musica tiveram ruidosa e enthusiastica ovação.

É o aspecto do Colyseu n'essa noite que a nossa gravura hoje reproduz.

O grande attractivo do concerto, e a sua peça capital era uma cantata em 6 numeros — *Patria*, musica e poesia originaes do distincto pintor e compositor Alfredo Keil, de quem os leitores do *Occidente* conhecem já muitos quadros, e de quem o publico conhecia já as apreciaveis aptidões de maestro por uma operetta n'um acto que na epocha de 1882 a 1883 se deu no theatro da Trindade, e a que tambem já nos referimos aqui, em tempo, largamente.

A cantata do sr. Keil accentuou mais essas aptidões e foi calorosamente applaudida pela multidão enorme que enchia o theatro.

A Academia de Amadores de Musica que hoje conta já o elevado numero de 900 socios, tem apenas 6 mezes de existencia, pois fundou-se em 1 de fevereiro do corrente anno tendo por nucleo de sociedade um grupo de illustres amadores de musica, socios dissidentes do Club Guilherme Coussul.

Como se vê a nova Academia fez rapidamente o seu caminho, e não tem descançado um momento.

Fundada em 1 de fevereiro, a Academia dava no dia 8 de março o seu primeiro concerto, e dava-o no salão da Trindade, porque o numero dos seus socios era já tão elevado que difficilmente poderia ser comportado pelas salas da Academia, na rua do Alecrim, na casa onde esteve a Sociedade de Geographia.

Em 24 de abril a Academia realisou o seu segundo concerto no mesmo salão; mas a affluencia de socios foi subindo de tal modo, que a direcção da Academia teve de escolher o vasto recinto do Colyseu para o seu terceiro concerto, por ser já pequeno o salão da Trindade.

N'esse ultimo concerto, a Academia apresentou 137 executantes, 63 na orchestra e 72 nos coros, contando-se n'estes 35 senhoras, e o publico fez justiça aos seus elevados meritos applaudindo-os com enthusiasmo.

THEATRO SANTA ISABEL, EM PERNAMBUCO

O theatro Santa Isabel, que a nossa gravura representa é não só o primeiro theatro de Pernambuco, mas tambem um dos primeiros de todo o Brazil, pela riqueza e belleza das suas decorações, pela ornamentação da sua sala d'espectaculo, toda em magnificos relevos dourados e que á noite, com as luzes, é d'um effeito deslumbrante.

As entradas do theatro são explendidas, por entre grandes columnas de marmore de Carrara, e estatuas alegoricas em bronze. Os salões e corredores são todos de marmore, e talvez se possa dizer que n'esse genero o theatro Santa Isabel é o primeiro de todo o Imperio.

Foi seu fundador o barão da Boa Vista, presidente da provincia em 1839 e em 1 de abril de 1841 lançou-se solemnemente a primeira pedra para o explendido edificio, cujo projecto foi feito pelo engenheiro francez Vauthier, director das obras publicas de Pernambuco n'esse tempo.

Levou nove annos a construir o theatro e em 17 de maio de 1850 inaugurou-se com grandes festejos, sendo seu primeiro emprezario o sr. Germano Francisco d'Oliveira, e representando-se o *Pagem de Aljubarrota*.

Em 19 de setembro de 1869 o theatro foi devorado pelas chammas Dois annos esteve o theatro em ruinas até que em 1871 se começou a reconstruir sob a direcção do engenheiro pernambucano o sr. José Tiburcio de Magalhães e do sr. Fourine.

Gastaram-se cinco annos n'essa reedificação que custou grandes sacrificios pecuniarios ao cofre da provincia, mas finalmente em 16 de dezembro de 1876 o novo theatro foi inaugurado com a representação da opera de Verdi *Um Baile de Mascaras*, por uma companhia lyrica italiana de que era emprezario o sr. Thomaz Passini.

O theatro de Santa Isabel ressurgiu das cinzas com a grande magnificencia artistica que faz d'elle um dos primeiros do Brazil, e muitos dos nossos mais notaveis actores tem recebido n'elle os applausos do publico pernambucano sempre prompto a glorificar o talento e a receber bisarramente as notabilidades artisticas portuguezas.

O INFANTE D. FRANCISCO

APRECIADO NA SUA CORRESPONDENCIA INEDITA

1726

(Continuado do n.º 200)

III

O infante D. Francisco, negociante de carnes verdes, de sabões e de carvão

O infante D. Francisco negociava tambem em carvão das suas terras da Gollada, junto da villa de Coruche, como se vê do seguinte decreto de sua alteza para se levarem em conta 101$800 réis a Domingos dos Santos Abrantes.

«Mando se levem em conta a Domingos dos Santos Abrantes, moço da estribeira da minha casa, na conta dos carvões da Gollada, de que tem a seu cargo a venda, cento e um mil e oitocentos réis que mostra despendidos por setecentas e dez saccas que se compraram n'este anno a Jacob Prader no preço de oitenta e cinco mil réis, que tanto montaram a razão de cento e vinte réis cada uma sacca, e o resto para os sobreditos cento e um mil e oitocentos réis se gastou em panno, barbante e trabalho de se concertarem as mencionadas saccas. O superintendente dos contos de minha casa o terá assim entendido e fará se execute e cumpra pelas vias a que tocar possa. Lisboa Occidental, a 21 de setembro de 1726 annos. Com a rubrica de sua alteza.»

A casa de venda ou estancia do carvão era pegada ás cocheiras do paço real. Alli permaneceu doze annos, até que um dia o duque presidente do desembargo do paço a mandou deitar abaixo. O infante, lesado nos seus interesses, reclamou immediatamente; e é curiosissima a correspondencia trocada sobre este *importante* assumpto entre elle, o duque, e o ministro dos negocios extrangeiros.

Copia de uma carta do conde de Aveiras para o duque presidente do desembargo do paço.

«Ao serenissimo senhor infante D. Francisco, que Deus guarde, é agora presente que v. ex.ª mandava demolir uma estancia que se acha junto ás cocheiras d'este palacio da Côrte Real, e em que actualmente se estão vendendo os carvões que pertencem á sua fazenda, occupando-se a dita estancia não só n'este ministerio ha dez ou doze annos, porém ha mais de trinta a esta parte que serviu tambem sempre a situação d'ella de se deitarem os estercos das cavallariças do mesmo palacio. E porque a referida estancia se faz ainda precisa para qualquer dos ministerios sobreditos: manda sua alteza se diga assim a v. ex.ª, e que, a ser somente ordem e prevenção sua, espera deixe continuar no uso em que se acha a mencionada estancia, e que quando a ordem seja de sua majestade dê v. ex.ª tempo para que se mande recorrer ao dito senhor: ficando sempre ao serviço de v. ex.ª com a attenção que devo. — Deus guarde a v. ex.ª muitos annos. Paço da Côrte Real, a 27 de setembro de 1726. Maior amigo e fiel captivo de v. ex.ª — O conde de Aveiras, D. Duarte. — Ex.mo sr. duque.»

Copia de uma carta do duque para o conde de Aveiras em resposta da que se acha acima copiada.

«Sr. meu. Como os fortes da marinha se não fizeram para armazens de lenha, se queixaram a el rei, que Deus guarde, do perigo que haveria se alli pegasse o fogo; d'aqui resultou ordenar eu que os fortes todos se despejassem das estancias de lenha. Sua alteza póde recorrer a el-rei, que Deus guarde, e, se elle me mandar, será sua alteza pela parte que me toca pontualmente obedecido, e eu servirei a v. s.ª no que me mandar. — Deus guarde a v. s.ª muitos annos. Casa, em 28 de setembro de 1726. Maior amigo e servidor de v. s.ª — O duque. — Sr. conde de Aveiras, D. Duarte.»

Copia de uma carta do conde de Aveiras para o secretario de estado.

«O serenissimo senhor infante D. Francisco, que Deus guarde, me ordena dizer a v. s.ª, para que o faça presente a sua majestade, que mandando o duque agora se demolissé uma estancia que se acha junto ás cocheiras d'este palacio da Côrte Real, e em que actualmente se estão vendendo os carvões que pertencem á fazenda do dito senhor infante, havendo-se occupado a tal estancia não só n'este ministerio ha dez ou doze annos, porém ha mais de trinta a esta parte que sempre serviu de se deitarem os estercos das cavallariças d'este mesmo palacio por ser bem sabido não fazer nunca embaraço algum, pela situação em que fica, ás operações que se intentassem na marinha, e sem embargo do que assim se escreveu ao duque, e que a mesma estancia se fazia ainda hoje precisa para qualquer dos ministerios acima ditos, respondeu o que melhor poderá constar pela carta que se remette a v. s.ª para que tambem seja presente a sua majestade. E n'estes termos recorre sua alteza ao dito senhor para que haja por bem determinar e mandar declarar ao duque o que estiver melhor ao seu serviço, fazendo-lhe v. s.ª mais presente que o demolir-se por agora a sobredita estancia incommóda muito os particulares de que n'ella se está usando, e que de tudo, sendo necessario, espera mande sua majestade informar-se, e achará com toda a egualdade não só o que se pondera, mas tambem que quanto á marinha se não dá prejuizo algum, e para obedecer a v. s.ª fico sempre com grande vontade — Deus guarde a v. s.ª muitos annos. Paço da Côrte Real a 29 de setembro de 1726. — O conde de Aveiras, D. Duarte. — Sr. Diogo de Mendonça Côrte Real.

O duque presidente do desembargo do paço era o primeiro duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira de Mello, que durante a sua longa existencia de 89 annos prestou serviços importantes nos reinados de Affonso VI, D. Pedro II e D. João V.

(Continúa) *Alberto Telles.*

MULHERES GREGAS

Aspasia, Sappho, Erinna, Myro, Telesilla, Myrtis, Nossis, Anyte, Praxila, Corinna, Anagallis, Areta, Hypatia, Elara, Pamphile, Anna Comnena, Eudoxia, Irene.

(Continuado do n.º 200)

Ligadas intimamente á historia de Pindaro, *Myrtis*, que lhe ensinou a arte dos versos, e *Corinna*, rival victoriosa do cantor thebano, apenas deixaram após si a recordação da sua gloria. A celebridade de Pindaro desagradou a Myrtis, cujos ciumes contra um discipulo que a sobrepujava estalaram em algumas satyras que não chegaram até nós.

Corinna, mercê do seu dialecto eolio, da sua belleza, do seu estylo (assim se exprime Pausanias) alcançou sete vezes a palma sobre Pindaro, que nunca lhe perdoou aquelles triumphos repetidos. Na sexta *Olympica* Pindaro prorompe em invectivas contra a sua rival. Os commentadores fazem mal em se assombrar de semelhantes ultrajes, e declamar contra a incivilidade que reinava em Athenas. O amor proprio dos poetas, implacavel em todosos tempos, dictou ao elegante Voltaire, ao poeta das côrtes, ao favorito dos palacios, ao prototypo do seculo dezoito, ao representante da França, precisamente a mesma invectiva, não dirigida a uma rival, mas a uma mulher amada (1). Pindaro devia comtudo lembrar-se de que Corinna, de concerto com Myrtis, guiara os seus primeiros passos na arreira poetica. Recommendou-lhe ella especialmente, segundo Atheneu e Plutarcho, que não esquecesse a fabula, a acção, o pensamento principal do poema: parece que não lhe agradavam as palavras sonorase as declamações dithyrambicas.

Tres versos e um proverbio compõem a bagagem poetica de Praxilla, filha de Sicyon. Estes pequenos fragmentos dão indicios de uma imaginação risonha; ao lel-os, não causa surpresa que a Sicyonica compuzesse, como o refere Atheneu, villancicos, canções alegres, e o que os gregos chamavam *escholios*. Era a ampliação festiva de algum pensamento empregado já por outro poeta. Os Orientaes, os Italianos modernos e os Hespanhoes conheceram este genero de poesia; poderiam encher-se volumes das glosas hespanholas, que não são outra cousa senão os escholios gregos.

Desçamos o curso dos seculos. A seiva poetica vai enfraquecendo: já não se escrevem senão epigrammas e distichos. *Anyte* e *Nossis* sobresahem de entre o numero d'esses poetas secundarios, que, tres seculos antes de Christo, faziam na Grecia o mesmo papel que fizeram na Italia os fabricantes de sonetos. Possuimos mais de vinte composições de Anyte. Não se distinguem, como o pretende o seu contemporaneo Antipatro, pela força homerica, mas por uma suave e deliciosa candura. Uma inscripção gravada á entrada de uma gruta, e composta por Anyte, parece-nos um modelo de graça no genero:

> Viandante, tens membros fatigados
> Descança á fresca sombra d'este olmeiro,
> Que os ramos tem das brisas agitados,
> E nas aguas do frigido ribeiro
> Mitiga a sêde ardente.
> Na hora do calor
> Não ha, deves suppor,
> Logar onde melhor repouse a gente

Nossis, a Locrense, sobresai, a darmos credito aos elogios de Meleagro, no genero elegiaco e erotico. Nao a podemos julgar senão por alguns maus epigrammas carecidos de sal, de brilho, de força, que a Anthologia confundiu com uma infinidade de outras banalidades elegantes e insulsas.

Myro, nascida em Bysancio, e que termina este catalogo de entidades litterarias, é auctora de um certo numero de epigrammas e de um poema heroico intitulado *Mnemosyna*, ou *a Memoria*, e só a memoria é o que nos resta d'elle. Alcançou em vida um bom quinhão de gloria; e seu filho, *Homero o Moço*, um dos membros da pleiada tragica cuja constellação nebulosa illuminou o throno dos Ptolomeus, continuou a fama da mãe. Astros obscuros que se levantam nas litteraturas decadentes, a quem se rodeia de uma facticia e passageira aureola, que são adorados e acabam por desapparecer completamente.

A poesia das mulheres da Grecia, poupada pelos estragos do tempo, reduz-se a pouquissimo; não avultam muito mais os fragmentos de prosa escriptos pelas auctoras gregas. O allemão Christiano Wolf, que colligiu toda essa prosa, e que, armado da paciencia laboriosa que distingue a sua raça, comprehendeu na sua compilação até os testamentos e doações feitas aos conventos e aos monges pelas damas romanicas, mal poude formar com estes fracos residuos um pequeno *in quarto*, guarnecido de notas, carregado de commentarios, inflado de noticias e cheio de variantes. Não obstante, muitas mulheres gregas escreveram em prosa; Atheneu e Suidas exaltam Anagallis de Corcyra, a commentadora, a madame Dacier da antiguidade. Areta de Cyrene, filha de Aristippo, continuou a eschola de philosophia instituida por seu pae, escreveu quarenta volumes e formou cem discipulos, exercito consideravel de philosophos, mas cujo numero nada tem de assombroso, comparado com a vida de Areta, que morreu aos setenta e oito annos completos.

(Continúa) *Francisco d'Almeida.*

(1) Madame Duchâtelet.

NOVA EXCURSÃO
AO
JARDIM ZOOLOGICO

D'esta vez os collaboradores artisticos do OCCIDENTE convidam-me a visitar o recincto dos ruminantes grandes.

Visitêmol-o pois. A nordeste do lago central o incontrâmos entre pinheiros e eucalyptos.

Mas... *Cautela com estes animaes!* eis o aviso que logo á intrada se nos depara em grandes lettras.

De mais a mais... com um ponto de admiração no fim! é a propria Administração do Parque a denunciar-se-nos *ipso facto* um pouco amedrontada ante a selvatica braveza d'aquelles seus exoticos subordinados

Entretanto, apurado o caso, a questão é não ir lá contender com elles de perto. Resguardados por uma fortissima rêde metallica, tanto o *veado wapiti* como o *yack* (os unicos, a que alli se refere aquelle prudentissimo aviso) acham-se na impossibilidade de molestarem qualquer dos visitantes, quando este não vá mui de proposito expôr-se-lhes ás furias (aproveitando, por exemplo, a occasião em que o *yack* infia sorrateiramente pelas malhas da rede uma das hastes, para depois esgrimir com traiçoeira elegancia, mal pilhe um parceiro a geito).

Mas... pelo sim, pelo não... cuidado com elle, que não é certo!

O PRINCIPE DE ORANGE — FALLECIDO EM 21 DE JUNHO DE 1884

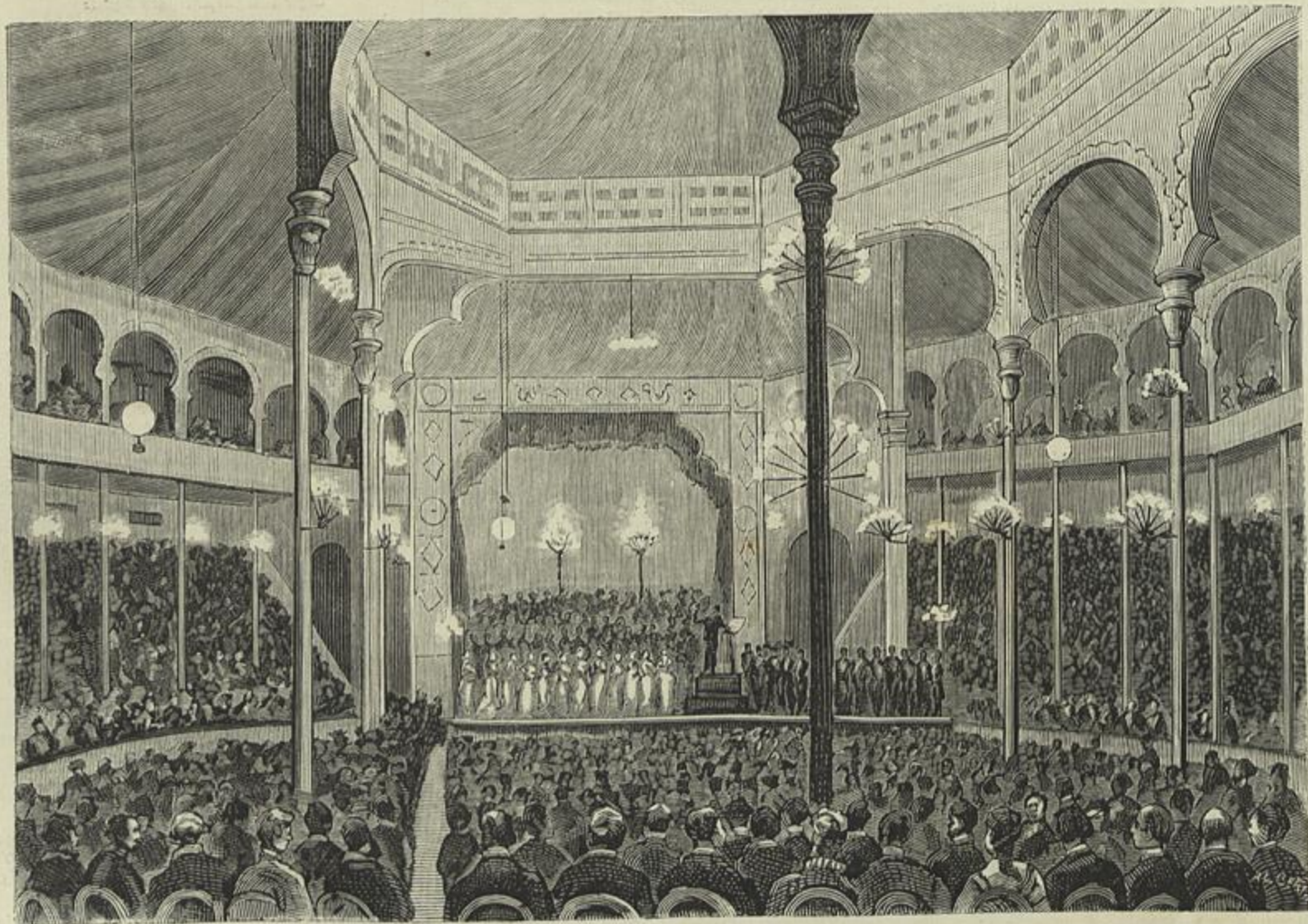
Em meio de tudo, apezar da sua impetuosa ferocidade, o *yack* é susceptivel de domesticar-se, a ponto de tornar-se aproveitavel no Himalaya como animal de carga e até mesmo de tiro! Nem de outra fórma podia talvez admittir-se que os habitantes do Thibet lhe tributassem um respeito religioso, analogo ao dos brahmines da India para com o *zebu*.

Bos grunniens lhe chama a Zoologia.

O casal, porêm, que d'estes elegantes animaes figura no Parque de S. Sebastião, conserva-se teimosamente no mais inviolavel silencio, — receioso talvez de que os seus temerosos grunhidos, afugentando os visitantes, desviem estes de admirar-lhes a pelagem felpuda e gadelhuda, pelagem branca e malhada de preto.

São da Mongolia os *yacks*.

Emquanto ao *veado wapiti* (a proposito do qual tambem o caridoso lettreiro nos aconselha «cautela»), o proprio nome latino *cervus canadensis* nos está revelando sua naturalidade. Da America do Norte são originarios aquelles tres exemplares, que nos proporciona o Jardim, mui similhantes aos veados das nossas tapadas, mais corpulentos talvez, mas não mais elegantes.

N'este mesmo recincto dos ruminantes grandes se abriga (apezar de pequenina em dimensões) uma especie lindissima de antilopes: a *gazella ordinaria* da Africa *(antilope dorcas)*, graciosa, esbelta, de-

TERCEIRO CONCERTO DA REAL ACADEMIA DE AMADORES DE MUSICA, NO COLYSEU DOS RECREIOS, EM 6 DE JUNHO DE 1884

BRAZIL — Theatro de Santa Isabel, em Pernambuco

licada e vivissima, de olhar meigo e fagueiro, tão fagueiro e tão meigo, que os Arabes no imaginoso borbulhar da sua linguagem poetica tomam para termo de comparação os olhos da gazella, quando pretendem fazer accentuar o olhar meiguissimo das suas mais formosas mulheres.

Meiga, mas não formosa (digâmol-o desassombradamente, — formosa, não!), ahi temos nós agora a girafa *(camelopardalis girafa)*. Destaca-se ella entre o grande grupo dos ruminantes por caracteres distinctivos que chegam a dar-lhe fóros de familia, — familia, que, de resto, apenas é constituida por um só genero. *Camelopardianos* ou *cameleopardianos* chamaram os naturalistas a estes animaes pela similhança mais ou menos pronunciada que simultaneamente elles offerecem com o leopardo e com o camelo (com o camelo na figura, e com o leopardo na côr da pelagem).

Reparem os leitores: vejam como ella passeia grave e dengosa a um tempo, bamboleando-se desvanecida da sua airosidade. Perfeitamente uma d'essas mulheres presumidas, que por ahi vagueiam a saracotear-se involtas n'um mantelete em guisa de xairel! n'esta o mantelete lembra a phantasia de um artista que sobre um fundo caffé-com-leite se entretivesse a traçar com giz caprichosos polygonos.

Sabem porque é que a girafa apresenta aquelle compridissimo pescoço, exalçado ainda pelo desproporcional comprimento dos membros anteriores em relação aos posteriores? É porque a Natureza destinou-lhe por especial iguaria no banquete universal as summidades das arvores, das *mimosas* sobretudo, — em cujas florestas o rei das selvas frequentemente se esconde com a mira de tasquinhar nas appetitosas carnes d'aquella succulenta preza. É por isso de notar tambem a sagaz prudencia, a cautelosa circumspecção com que a girafa se imbrenha por entre os sertões africanos a matar a sêde nas virentes margens de sombrio ribeiro, onde ella preveja a possibilidade funesta de saltar-lhe furioso um leão. Mas dado o caso de inevitavel incontro, quando a girafa não logre pela rapidez de uma fuga prompta, promptissima, collocar-se a respeitavel distancia do seu temivel aggressor, trava-se entre os dois incarniçada a peleja, — e não é raro vêr o timido ruminante levar de vencida o arrogante carniceiro pela violencia das patadas que a girafa despede e vibra contra a cabeça do leão!

Do *camelo*, que entra n'uma familia áparte (a dos *camelideos*) — distincta da dos *camelopardianos* (representados pela *girafa)*, distincta ainda da dos *cervideos* (aqui representada pelo *veado wapiti)* assim como tambem da dos *bovideos* (representada aqui pelos *yacks*, pelas *gazellas*, e por um bonito casal de *zebus* ou *bois de giba)*, — do camelo *(camelus bactrianus)* offerece-nos o Jardim Zoologico dois bellos exemplares: um macho e uma femea. Apparatosamente ajaezado, e conduzido á mão por um negro australiano, que os Directores do Jardim contrataram para este serviço especial, — o camelo-macho, conscio da grave missão que lhe impuzeram, caminha placido e sereno atravez do parque em constante digressão, montado a quatro e quatro por creancinhas que folgam e riem de ir alli impoleiradas n'uma sella especial de veludo entre as duas corcovas do extranho bicho!

No recincto dos ruminantes grandes acha-se provisoriamente installada uma *avestruz* da America Meridional *(rhea americana)*. Como o leitor póde formar idéa pela estampa de que vai acompanhada esta rapida excursão, ou melhor ainda pela inspecção que pessoalmente faça do proprio animal no Parque, — o exemplar alli recolhido constitue uma especie notavelmente inferior em dimensões á verdadeira avestruz da Africa ou da Asia *(struthio camelus)* que chega a attingir frequentemente 2m,50 de altura! A configuração, porém, é a mesma, — e ambas se acham comprehendidas na ordem das pernaltas.

A outra estampa que n'este seu numero o Occidente offerece, representa a oeste do Jardim um pequenino lago que defronta com a rua das araras e dos papagaios. N'elle se acham provisoriamente habitando quatro gansos d'Africa, em pouco amigavel sociedade com varias tartarugas.

Alli onde os vêem, aquelles quatro figurões, dotados pela Natureza com unhas fortissimas na região escapular, abusavam cobardemente d'essa arma offensiva para com ella aggredirem sob o mais leve pretexto os outros palmipedes todos do grande lago central, em cuja companhia primeiro viviam.

Exilados portanto, e postos agora em condições de não offenderem aquelles seus innocentes companheiros, — aquelles valentões estão hoje, em compensação, experimentando o castigo da sua abusiva brutalidade, porque a pimponice desappareceu-lhes, como por incanto, na presença das tartarugas, ante as quaes se mostram constantemente amedrontados!

Mas o que merece especialmente reparo, são as condições picturescas do lago.

Sombreado por copadissimo arvoredo, cuja ramaria se debruça tornando apparentemente esverdinhada a superficie limpida das aguas, — aquelle escaninho, segregado um pouco do bulicio que reina junto ao lago central ou ante o kiosque dos quadrumanos, aquelle escaninho constitue á hora do calor um local de inestimavel frescura. Dir-se-hia alli reproduzida em galante *miniatura* aquella suave estancia do canto IX dos *Lusiadas:*

«N'um valle ameno, que os outeiros fende,
«Vinham as claras aguas ajuntar-se,
«Onde uma mesa fazem, que se extende
«Tão bella quanto póde imaginar-se:
«Arvoredo gentil sobre ella pende,
«Como que prompto está para affeitar-se
«Vendo-se no crystal resplendecente,
«Que em si o está pintando propriamente.»

Xavier da Cunha.

NOSSO COMPADRE DIABO

(Continuado do n.º 200)

II

Ella vá de escancarar olhos de espanto.

— Em minha casa, bailava, gentana, em minha casa... Que? Vossa Reverendissima enganou-se na porta. Bailava... Ora não ha!

— Enganei-me a sua cara, grande velhaca.

— Ou então está doido, ganiu a do almocreve.

— Basta! e espaçando cada syllaba — quando eu digo, havia sapateado de baile em sua casa, é porque havia. Entenda. — Ella toda se desfazia em soluços.

— Pois lá o espero mesmo assentadinha nas escaleiras da entrada. Ceia farta, ingrato!

— Lá irei, tornou frei Braz seccamente, e esportulou uns tostões para o festim.

Noite seguinte, depois de apparentada a mesma austeridade em joelhos ante o retabulo, amigo frade desandou direito á aldeia. De caminho, antegosando o regalo que ia ter, foi-se arrependendo de haver tratado com aspereza a mulher do almocreve. Era preciso ser franco — dois dedos de vinho podem-nos bem fazer errar uma porta.

Assim, porque se não teria elle enganado? Tão natural!...

E reluzia-lhe o olho d'uma lascivia obesa, pensando na polpa firme dos braços d'ella, nos olhos que fazia a beber, e a magia suprema do seu arroz de pato, do qual era fama n'essas dez leguas de redor. Ah, uma rica mulher! Pedir-lhe-hia perdão mal chegasse, com beijos repenicados nas suas vermelhas bochechas, talhadas n'uma attitude de estarem soprando sempre alguma trombeta imaginaria. Foram passando sebes de piteiras, a azinhaga findava, e nove horas dadas, entrou na aldeia. Pé ante pé, dirigiu-se á porta do almocreve: viu-a escancarada; duas velas bruxuleavam deante d'um Christo; no meio da casa estava um caixão aberto — e os vultos negros que entravam, aspergiam d'agua benta o defunto...

— Esta só pelo diabo! exclamou frei Braz n'um desespero — e voltou sem ceia para o convento.

— Desavergonhada! manhosa! bebeda! Esta só a mim!

Todo o caminho foi bufando ameças e chufas.

— Mas eu que cubro aquella porca de beneficios! que gasto o meu dinheiro! — Mil vezes pro-

O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 199)

IV

Os parentes pobres

Ella não dizia nada.

Andava n'uma roda viva a repartir os diversos quinhões, procurando aqui um papel, além uma guita, acolá um pedaço de nastro, emfim procurando ser o mais agradavel possivel no intuito de as conciliar e dar-lhes mostras da sua estima.

D'aquella vez recebeu cada uma quinhão dobrado.

Parecia não estar em si D. Perpetua. As cunhadas até já estavam desconfiadas da fartura.

Algumas chegavam mesmo a dizer que não queriam tanto, outras que mandavam lá no dia seguinte o gallego.

Ao que D. Perpetua respondia que não, por causa do senhor, como se Gilberto fosse mais miseravel do que ella.

Concluida a tarefa, ao sahirem para a rua as cunhadas, foi curiosa a scena.

Cada uma chamava pelo seu homem para a ajudar.

E elles cheios de surpreza, boquiabertos, espantados, trocando olhares gulosos, iam arrecadando a sua troxa e dizendo:

— Ora, ora, que incommodo, mana, que paciencia, que descoco!

E emquanto soltavam estas exclamações, as mulheres compunham as toilettes e estendiam a dextra acenando fortemente e dizendo para D. Perpetua que fôra á janella despedir-se d'elles.

— Adeus! adeus!

Os rapazes tambem acenavam com ambas as mãos, e se despediam.

— Esses porém é que não estavam com ceremonias.

— Adeus até domingo, diziam á bocca cheia.

E á imitação das creanças, primeiro as mulheres, depois os homens e afinal todos a seu tempo, bradaram com intimativa.

— Até domingo, até domingo.

Assim foram muito satisfeitos pela rua abaixo em columna cerrada e passo ordinario.

Ao voltar da esquina o mano João alçou a bengala e disse:

— Direito volver!

E o rancho desappareceu.

D. Perpetua fechou a janella, e Gilberto dispertando perguntou entre bocejos lá do fundo da alcova:

— Já se foram?

Ella respondeu:

— Já.

E foi para junto d'elle.

— Ai! que dôr de cabeça me deixaram! E no domingo ahi os tens.

Gilberto perguntou com vivacidade e interesse:

— Serio?! logo vi... Estavam-se então a fazer de manto de seda.

E como D. Perpetua visse que elle estava disposto a dizer alguma coisa mais, voltou-lhe as costas com agastamento dizendo:

— Coitados era melhor que lhes désses alguma coisa: eu não posso ver tratar mal a pobreza.

V

Os parentes ricos

Não eram tão numerosos os parentes ricos de Gilberto nem tão frequentes as suas visitas, como succedia com os parentes pobres.

Se estes se multiplicavam como os cogumelos, aquelles desappareciam com a rapidez de um meteóro, e tinham como que a curta e perfumada existencia da rosa.

Eram como o sol de inverno: mostravam-se resplandecentes de luz cidral mas não aqueciam nunca o logar.

Dotados de uma insceptiblidade exquesita e excepcionalissima qualquer coisa os melindrava e punha de mal.

De sorte que Gilberto chegava a dizer á mulher em sincera expansibilidade que não sabia como viver com similhante gente, a menos que não puzesse uma rolha na bocca.

Oh! senhores, era de mais!

Davam-lhe que fazer, não pelo numero que não eram muitos, apenas uns tres ou quatro, mas pela qualidade. Nem que fossem de procellana, de puro Sévres!

curava a boceta para fungar pitadas descommunaes, gesticulava á direita e á esquerda, floreteando o bengalão, ou compunha mentalmente verrinas medonhas para o dia seguinte, quando ella apparecesse toda lambida nas suas desculpas.

— Porque fique-me vocemecê sabendo, senhora Perpetua, lá diz bem claro S. Crysosthomo.... — e recapitulava fulo de tanta velhacaria. — É ser descarada, senhores!

Eis que ao dia seguinte, a velhaca vem ao confissionario perguntar frei Braz. A mesma scena furibunda, altercações, prantos, e ajustes para a outra noite.

— Sempre é necessario que eu tenha muita paciencia, para attender ainda o que você diz, mulher! Que Deus me leve esta resignação em desconto dos meus peccados. Emfim, lá vou. Mas pela ultima vez!

Ora vinha frei Braz por ahi fóra, com todo o descanço, saltam-lhe uns mariolas ao caminho, e dão-lhe uma tunda por tal fórma indiscriptivel, que o bemaventurado prometteu nunca mais sahir á noite. Imagine-se o estado attonito do convento, quando elle appareceu ás costas de dois fradalhões, escoriado, sangrento, arguejante e lastimoso como um Christo. Por toda a semana foi uma consternação geral n'aquella casa de oração, houve preces, missas, penitencias, tudo por intenção do santinho frei Braz, o milagroso, o insigne Braz — tão sabio que vos papagueava as virtudes de todas as plantas da montanha, tão serafico e remido de culpas, que até lhe appareciam em sonhos trajando á ligeira, Santa Thereza e outras matronas da bemaventurança. Porém o tempo ajudava as melhoras, dias tepidos que era uma delicia viver: além de que, frei Braz estava ainda robusto e de bôa carnadura. Breve sarou das mazellas o apostolo! E poude ensaiar os primeiros passos na cerca, ao longo das grandes ruas de alfazema e parreiral, entre dois noviços estupidos e recemchegados.

Apetite nunca lhe faltava, sua gotta de vinho ás refeições, elle presentes de chouriços e presuntos que nem já conseguia occultar debaixo da cama, ás severas regras da communidade. Já se vê, referia aquellas fortunas, á intervenção de S. Francisco e Nossa Senhora!

Lá pela noite adeante, acabadas as rezas, ia-se ao presunto como lobo a quartos de burro, comia, comia, comia; e com satisfação, ao fim da ultima golada do bom vinho alemtejano, maduro, côr de rubins, perfumado e capitoso, elle offerecia sempre os supplicios da sua vida em amortisação dos seus peccados. Ah, mas que de vezes, rompendo a meditação ascetica sobre um velho evangeliario em pergaminho, barbaro de illuminuras, truncado e carcomido, o desditoso estendia os braços á tentação do demonio, alada em seducções todas pagans, pouco menos de nua na sua anagua de rendas, roliça, branca, brejeira, que se lhe affigurava tal qual a mulher do almocreve!... Rolava então n'um delirio soturno, despejada a borracha, lançando mão dos cilicios afim de castigar as carnes das suas barrigas de pernas malditas.

— Perpetua! Perpetua! e afocinhava ao chão com latins de arrependimento, abraçado a um chapeu de chuva de paninho. Por seu lado, a mulherita, tudo era querer aproximar-se do santinho. Vinha ao convento umas poucas vezes ao dia, saber como elle ia, trazer-lhe seu frangão assado de presente, pedir que o fossem chamar, porque a alminha ardia-lhe toda lá por dentro á falta de confissão.

— Que até nem lhe aqueciam os pés de noite!

Frei Braz a principio, inexoravel. Já não cahia. Qual! Ella ia-se finando, rezava, fazia promessas aos santos, agarrava-se aos frades, rojava-se, chorava, supplicava. E um bello dia, estando a egreja sem publico, tira-se dos seus cuidados, enfia pelo claustro, sóbe a correr escadas sobre escadas, e vae, rebenta de chofre na cela de frei Braz. A desalmada creatura!... Todo apavorado do escandalo, o santo ia-lhe ordenar que sahisse.

— Lá isso é que não saio! Não saio! Então eu espero-o tantas noites á porta, constipo-me, desacredito-me na visinhança, e vossa reverencia nem uma só vez lá póe os pés? Que é lá isso! Que é lá isso? Cahe doente, esses fariseus martyrisam-n'o como fizeram a Nosso Senhor, e nem acceita os fios que eu mandei para se curar! Nem que eu fosse a ultima das ultimas, percebe?

Elle ia acalmal-a consoante os seus recursos monasticos. E ella sem consentir:

— Ouvi dizer que amolgaram a cabeça de vossa reverencia. Só a do meu marido é tão dura!...

— Ah, soubesse eu quem me pôz n'este estado!

— Elle não, que inda está fóra. Por isso aqui lhe venho declarar que esta noite...

— Shut! podem ouvir.

— Esta noite sou eu, Perpetua Baptista, que virei ao convento ceiar com vossa reverencia. Arranje-se como quizer Mas é que estou offendida, ahi está, capaz de morrer...

— Não offendas o Senhor com más palavras.

— Saltarei a cerca fóra de horas, quando vossa reverencia sentir balar uma orelha.. É arranjar escada de corda, e lençoes bem perfumados de alfazema...

— Oh Perpetua, Perpetua Baptista! disse extatico o frade.

— Quanto a ceia, aqui trago uma taleiga de sustancia, mais esta borracha de vinho. E nós veremos quem canta, senhor padre. Até á noite.

— Hein? trauteava frei Braz para os seus botões, percorrendo a cela a grandes passos. Já viram matrona de mais heroicas virtudes? Ah, que a Santa Biblia não alardea megera de tão ponteaguda coragem! Nem Judith, nem a rainha do Sabbá, nem Salomé, Martha ou Maria. Valentona! não se póde negar. Vem esta noite á escalada do convento? Deixal-a! Se incorrer peccado, communguará tres vezes na semana.

Longo e moroso lhe paraceu o dia, devolveu os noviços lorpas que o comboiavam nos passeios da cerca, atravez as latadas, rozaes de todo o anno, cyprestes e olaias de chapeu côr de roza. Bocejou por cima do velho evangeliario, e com olhos ciumentos ia seguindo os haustos amorosos das borboletas nos malmequeres das ceáras, lyrios e rosmaninhaes d'esses hortos e devesas. Os passaros proclamavam em voz alta as delicias do amor bohemio, indo de uma femea para outra, e d'este áquelle ramo, despreoccupados, levianamente escarninhos, chapeu sobre a orelha e cigarro ao canto da bocca, sem indagarem primeiro se havia baile nos ninhos das amantes, ou apanharem sovas anonymas pelo recesso dos caminhos. Meio Dia! Os campos exhalavam cantigas, rumores de aguas correntes, risos, altercações de cavadores, cheiros de favaes, e batidas de podões e roçadouras nos troncos das oliveiras. Algum corvo grasnava alto, direito ao mattos. E se o evangeliario em secco pergaminho lhe mandava fazer penitencia, o livro da natureza, tão finamente illuminado, parecia dizer-lhe: come, bebe, diverte-te! A vida que vês é a bella face da medalha. Na outra vida está o reverso, com depressões de sepulturas e rugosidades de ossadas. Deus como os grandes genios, fez esta obra prima n'este unico volume que se desenrola a teus olhos, Todos os seus outros livros ficaram inacabados ou ineditos. Quem leu já a *Bemaventurança?* Quem percorreu as paginas do *Inferno?* Portanto frade, acredita-me: não ha nada, além do que estás vendo.

Entretanto frei Braz não descançava, não comia, não podir estar quieto n'um sitio, atirava respostas bruscas, e fez todas as suas orações a correr. E pela noite via-se a sua cella decorada como um pequeno paraiso, lençoes d'estopa nova no catre, um festim de prelado sobre a banca, flores no genuflexorio... E o sobresalto trazia-o apavorado, cuidando divisar olhos de diabinhos por todos os cantos em penumbra. Emfim, já dez horas, tudo em socego pareceu-lhe ouvir balar uma ovelha. Escutou por instantes. Engano por certo. Ainda era tão cedo! Baque de corpo no chão da cerca. Deitou a escada: e em breve espaço, a matrona enfia o corpanzil pela janellicula da cella.

Então é que foram abraços, effusões, sorvinhos d'aguardente anisada e promessas de eterno amor. Frei Braz chegou dois escabellos altos contra a meza, a matrona tirou o capote e a manta, grande alegria, sim senhor, toca a cear! Vasaram vinho, cortaram presunto, partiram pão. O frade garantiu que fazia calor de abrasar, e desapertou a estamanha do habito. Ella repimpou-se do outro lado da banca, vermelha, satisfeita, animada de uma vida animal. Pozera-se a noite carrancuda. Relampagneava um pouco. E vinha da horta um

---

O mais temivel de todos, o que mais voltas dava ao miolo de Gilberto era o primo conselheiro Anacleto da Costa Maldonado e Serpa da Silveira Magalhães, cavalheiro de Christo, moço fidalgo da casa de sua magestade com exercicio no paço, e condecorado com a medalha de merito, e a do Salvatorio de Napoles.

E mais era afinal de contas um pobretão, que trazia os ordenados rebatidos, mas vivia como quem os arrecadava por inteiro, e os possuia em triplicado, isto é, gastava tres vezes o que ganhava e vivia bem, melhor do que os milionarios, melhor do que elle Gilberto, e mais não tinha os seus presentes, nem as suas achegas.

Embirrava com isto elle, e tinha razão porque no fim de contas não podia explicar como taes milagres se fizessem.

O caso é que o primo conselheiro até o mettia em danças.

Quando fazia annos sempre se lembra d'elle.

Gilberto e D. Perpetua eram dos da cabeceira do rol, mas condicionalmente:

«Trazendo elle commenda, e não vindo com os pequenos.»

Outras vezes não se contentava só com a commenda e em N. B. ao convite, recommendava-lhe que trouxesse tambem o grande uniforme: o chapeu bicorne, o fardalhão agaloado e o espadim a rastos.

Estas reuniões repetiam-se annualmente, mas custavam a Gilberto o dobro do que em geral gastava com todos os parentes pobres.

D. Perpetua que durante o anno vivia sem ambições nem caprichos, no canto da sua casa, uma vida sidentaria e sensaborona, mal se approximava o dia do baile do conselheiro, ou para melhor dizer já um mez antes, começava a experimentar taes desejos, a mostrar tal inquietação, a ter taes exigencias que Gilberto via-se n'uma roda viva e dizia-lhe:

— Ó filha tu quebras-me a cabeça.

Ás vezes nem o deixava engulir o bocado.

Era do palheiro para a modista, da modista para a capellista, da capellista para o sapateiro, do sapateiro para o inferno!

— Eu já não tenho pernas, exclamava esbofado ao chegar a casa.

E de mais vinha sempre de trem.

D'ahi eram bilhetinhos ás senhoras das suas relações, bilhetinhos que não confiava senão de Gilberto.

E lá ia elle a casa de D. Flamiana saber como iam as meninas ao baile do conselheiro, pedir uns figurinos ás sr.as Padilhas que os recebiam de Paris em primeira mão, e passava até vergonhaças, porque não sabia francez e ellas queriam que lhe fizesse a traducção dos artigos de modas para responderem ao depois ás perguntas de D. Perpetua.

Mas peior do que tudo isto era a praga dos adresses.

Essa praga renovava-se de anno para anno *sempre melhorada,* tal qual como nos arraiaes quando se arremata algum cargo.

Foi crescendo a ponto de chegar a contos de réis.

O ultimo que D. Perpetua apresentou no baile do conselheiro, custara-lhe nos Seixas dois contos e quinhentos, e a final não era para ser creado do que trazia a dona da casa.

Isto desorientou-o a ponto de protestar solemnemente não cair n'outra.

E tanto elle como D. Perpetua andaram por muito tempo barafostando no mesmo ponto: o adresse magico.

Não devia ter custado menos de mil libras.

— Não, não.

— Mas como se faz isto?

— Não sei.

— Minhas ricas mil libras, aquelle homem vae cavar dinheiro ou vae roubal-o.

Pois nem ia cavar o dinheiro, nem ia roubal-o.

Ora ahi está como as coisas são.

Um dia já passado muito tempo encontrou-se a D. Perpetua com a mulher do conselheiro e poz-se a mirar-lhe as bonitas pedras do formoso broche que trazia.

— Que lindas e que ricas.

Ella respondeu desdenhosamente:

— Nem por isso.

— São eguaes ás d'aquelle adresse lindissimo...

Ia a dizer das mil libras mas a mulher do conselheiro não a deixou concluir.

— Ah! não me fale d'isso, que mal empregado dinheiro!

— Meu homem diz o mesmo, acudiu logo D. Perpetua.

— Tem razão, applaudiu a mulher do conselheiro. Foram vinte libras que botei á rua.

— Só vinte?...

— E sempre as chorarei. Que burla, que logro! Coisas francezas. Era de uma massinha que ha agora que em lhe dando o sol derrete-se toda.

— Ora, ora!

(Continúa)

Leite Bastos.

JARDIM ZOOLOGICO — O LAGO DOS GANSOS D'AFRICA

aroma manso de goivos e ervilhas de cheiro, longiquo, discreto, muito fino, como um rastro de noiva esvaecendo nas revolutas da briza. De repente deu o sino uma pancada. Ella ia levando á bocca um tasgalho de paio, e parou muito pallida, a olhar. O som parecia ulular n'esses corredores e claustros, bater ás portas, rir pelas frestas, e despertar os campos da modorra placida em que a noite os fizera cahir.

Outra badalada profunda, e outra...

— São horas, ainda disse frei Braz. Nao tenhas receio. O sino — porém precipitava os sons alarmantes. Por corredores e claustros entrou a correr gente. Levantaram-se. Que era? Frei Braz foi escutar ás fisgas da porta. Fogo! Havia fogo no convento! Já os entrevados gritavam por soccoro, e o prior semi-nu corria a bater ás cellas. Onde era? Onde? Pequenas disputas de momento feitas com vozes de sobresalto...

— Chama-se povo. Toca a rebate!

— Nao assustem, dizia o prior. Deixar vêr.

— Mas onde, onde é?

— Na cella de frei Braz, disse uma voz

Jesus! estavam perdidos. O frade correu a aferrolhar a porta por dentro. Mas todo o mundo batia de fóra. — Abra! Abra! Ao mesmo tempo, na cerca, por baixo da janella, juntavam-se vultos embuçados. Que desgraça! Toda a communidade ia saber.

(Continúa) *Fialho d'Almeida.*

RESENHA NOTICIOSA

UNIVERSIDADE DE STRASBURGO. Preparam-se na Allemanha, para no proximo outomno se proceder á abertura do novo edificio da universidade d'aquella cidade, festas a que assistirá o imperador Guilherme. O novo edificio ergue-se fóra da antiga porta, hoje demolida, dos Pescadores e estende-se sobre uma superficie de um kilometro quadrado entre a alameda de Robertsan e a Esplanada. O terreno sobre que se eleva, faz parte da circumvalação da nova cidade. A inauguração com quanto seja feita com pompa, terá o cunho de frieza que distingue estas festas allemães, principalmente nos sitios, onde a sua occupação é antipathica.

DIVORCIO. Segundo alguns jornaes francezes a nova lei do divorcio votada pelas Camaras da França, e considerada como uma lei anti-clerical é menos liberal e contém menos casos de annullação de matrimonio do que o direito canonico. Apezar de ser muito velho o ditado — *nihil novum sub sole*, — quando se quer renovar alguma coisa, faz-se peior do que a existente.

DICTADURA. O governador da Alsacia-Lorena, general Mauteuffel, em virtude dos poderes descricionarios que lhe são concedidos em virtude da lei de dictadura que pesa sobre aquellas provincias, ha quatorze annos, acaba de expulsar d'alli dois subditos allemães, accusados de serem agentes secretos, dos socialistas da Allemanha do Norte. Além d'isso varios gremios ou clubs de operarios teem sido mandados fechar e dissolver algumas associações. De modo que os poderes exorbitantes concedidos ao governador contra os alsacio-lorenos, voltou-se contra os allemães. É o caso de se dizer: criai o corvo tirar-vos-ha o olho.

CABO SUBMARINO No dia 9 do corrente foi assignado no Ministerio da Marinha e Ultramar o contracto entre o governo e o sr. Conde Thadeu Oksza, para o estabelecimento e exploração de um cabo telegraphico submarino ligando as provincias de S. Thomé e Principe, e Angola com a Europa. Por muito tempo tem estado afastadas da mãe patria as nossas provincias ultramarinas, e as mais proximas careciam ainda d'este melhoramento. Dentro de dois mezes os Açores estarão completamente ligados ao continente, e algum tempo depois sel-o-hão as nossas possessões da Africa Occidental. Este melhoramento que, se ha mais tempo tivesse sido emprehendido teria influido consideravelmente no progresso e boa administracão d'aquellas colonias, realisou-o a esclarecida e dedicada administração do sr. Pinheiro Chagas, cujo nome vai ficando ligado a commetimentos de primeira ordem no importante departamento administrativo que lhe foi confiado, e que na parte em que elle póde obrar de propria resolução, sem necessidade de informação ou de sugestação alheia, são sempre bem dirigidos. Oxalá o vejamos por muito tempo ainda dirigindo aquella pasta para honra e proveito do paiz, traduzidas em medidas de levantado alcance como esperamos. Quando Portugal carece de affirmar a sua vitalidade e força para a resolução dos problemas africanos, perante as calumnias e oposições ardilosas dos estrangeiros, são estes actos e outros que aguardamos confiadamente que hão-de provar a hombridade do leal caracter portuguez, contra a hypocrita solicitude dos traficantes de qualquer paiz.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA, *em 1884, catalogo dos productos expostos pela Administração da Fazenda da Casa Real, provenientes dos differentes almoxarifados e descriptos segundo o respectivo programma. 1884, Typographia Castro Irmão*, 31, Rua da Cruz de Pau, 33, Lisboa. — 8.° de 36 paginas, nitidamente impresso, como todas as publicações feitas n'aquella escrupulosa typographia, e dando-nos conhecimento claro dos productos variados expostos pela Administração da Casa Real e que tão distincta figura fazem ou fizeram na Exposição Agricola

O NOVISSIMO ALPHABETO, *para uso das escolas, por João Manoel d'Abreu*, professor de ensino elementar, *Braga, Livraria nacional e estrangeira* da Viuva Germano Joaquim Barreto (editora) 23, Rua do Souto, 23 B. — É mais um systema de alphabeto e silabario para ensinar a ler, com que o auctor prova dedicar-se á instrucção da infancia; notamos porém falta de algumas syllabas, aliás conhecidas.

LES AFFAIRES ESPAGNOLES, *hispano-coloniales, portugaises et sud-americaines*, periodico que se publica todos os dias 5 de cada mez, e especialmente consagrado aos bancos, caminhos de ferro, canaes de irrigação, seguros, minas, etc., da peninsuia e da America do Sul. O numero relativo a 5 de julho, traz bastantes notas relativas a Portugal.

GAZETA DOS HOSPITAES MILITARES, publicada sob os auspicios do Ministerio da Guerra. Redactores: A. M. da Cunha Belem, Guilherme J. Ennes e C. Moniz Tavares. N.os 176 e 177 do 8.° anno, relativo a 30 de abril e 15 de maio ultimos e trata de assumptos interessantes.

ILLUSTRAÇÃO POPULAR, *chronica semanal redigida por uma sociedade de homens sem lettras* (sic), publica-se ás quintas feiras. O primeiro numero do 1.° anno sahiu no 1.° do corrente mez. Trazem os dois primeiros numeros algumas gravuras de costumes populares, como: Vendedoras de peixe, o padeiro, o aguadeiro, mulher de Avintes, e outras representando varios assumptos, e artigos variados. Desejamos longa vida e prosperidade ao novo collega.

COLONIAS PORTUGUEZAS, *Revista illustrada*, de que são proprietarios os srs. Manuel e A. Augusto Ferreira Ribeiro, e redactores effectivos estes dois cavalheiros e o sr. Antonio de Castilho. — É o n.° 7 do 2.° anno, relativo a 6 do corrente mez, traz, entre outras coisas, os retratos dos chefes da expedição ao Muata-Yannvo, o major Henrique A. Dias de Carvalho, chefe da expedição e o pharmaceutico Agostinho Sezinando Marques, sub-chefe, e artigos relativos a este e outros assumptos.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA, pelo sr. Freire de Oliveira. É o fasciculo 27 e contem especies muito curiosas, taes como alguns documentos e disposições relativas á picota e cadeia do tronco da cidade, que deve excitar todo o interesse sabendo-se que n'ella esteve o grande Camões, assim como uma série de esclarecimentos e providencias sobre a muito celebre procissão do Corpo, verdadeiro successo magno em todas as camaras do paiz durante seculos, que ainda conhecemos cheia de esplendor e concorrencia durante o segundo quartel d'este seculo, e que hoje vemos tão decahida e desconceituada.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS... 1884. David Corazzi, editor. Empreza Horas Romanticas. — 4.° anno, 11.ª série, n.° 81. — Trata este fasciculo da *Pedagogia*, que sendo a arte de conduzir a educação e instrucção, tem justamente adquirido os fóros de uma sciencia verdadeira, pelo desenvolvimento dos seus principios. Comquanto pareça novo este assumpto em Portugal, não o é, pois nas obras de João de Barros, Antonio Pereira de Figueiredo e outros, se póde ver como os maiores espiritos se entregavam a estes assumptos. O opusculo diz pouco com relação á pedagogia no paiz, e aceita algumas opiniões anteriores, que não tem fundamento solido.

TYPOGRAPHIA ELZEVIRIANA — LISBOA